



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8059 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

PROFANANDO A EDUCAÇÃO: O CINEMA DESATIVANDO DISPOSITIVOS EDUCACIONAIS.

Pedro Esteves de Freitas - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PROFANANDO A EDUCAÇÃO: O CINEMA DESATIVANDO DISPOSITIVOS EDUCACIONAIS.

O presente trabalho apresenta minha pesquisa de mestrado finalizada em 2018, que teve como objetivo entender a possibilidade ou não de profanar a educação através dos saberes cinematográficos em uma turma de formação de professores de nível universitário. As premissas metodológicas pensadas tiveram como base ideias do filósofo italiano Giorgio Agamben: infância (AGAMBEN, 2005); profanação (AGAMBEN, 2007); dispositivos de poder (AGAMBEN, 2009); homem sem conteúdo (AGAMBEN, 2013a); cinema (AGAMBEN, 2015b). A metodologia criada para o campo, que aconteceu no formato de um curso de férias, com a duração de três semanas em encontros de três horas em todos os dias úteis, enquadra-se na pesquisa-intervenção (DAMIANI, 2012). O material produzido no campo trouxe o conceito de imanência (AGAMBEN, 2015a) através da ideia de educação imanente (D'HOEST E LEWIS, 2015) como um dos principais fatores de desativação dos dispositivos.

A metodologia para os encontros foi pensada levando-se em conta a ideia de profanação e dispositivos de poder. Esses últimos são dispositivos de subjetivação que retiram do uso comum os intermediários entre o mundo e o humano, relegando-os uma esfera de controle social desconectado do comunitário. Os dispositivos de subjetivação não se resumem às instituições, são também os objetos, os utensílios, os meios de comunicação, basicamente tudo o que compõe nossa relação com o mundo. O ato de devolver o que os dispositivos confiscaram é o que Agamben (2007) chama de profanação: dar um novo uso ao dispositivo, desativá-lo, emancipando-o da sua relação com a finalidade original, criando um meio puro e, assim, tornando-o inoperante.

Foi necessário pensar os conceitos de Cinema e o de arte. Entendendo que ambos são parte do mesmo universo: produtos de uma sociedade que se extraviou de seus próprios gestos e procura se apropriar novamente deles e, ao mesmo tempo, registrar a sua perda; além de se entender a pintura como um frame de um filme que já começou e ainda continua, o que liga de forma indelével cinema às artes plásticas (AGAMBEN, 2013a, 2015b).

Por fim, foi preciso entender a relação entre a constituição do mundo na perspectiva de Agamben e, para isso, foi utilizado seu conceito de infância. Como experiência, como o agente que faz a ligação entre a língua e a linguagem, a forma como utilizamos a língua, a infância nos acompanha toda a vida. Assim, o mundo se constituiu na expropriação que cada

indivíduo faz de sua experiência toda vez que se expressa, que usa a língua (AGAMBEN, 2005).

Produziu-se uma metodologia para a pesquisa a partir de algumas categorias do cinema: produção, roteirização e continuidade. Tendo como fundamento criar condições para que o experimentado em campo pudesse se dar como *experimentum linguae*, isto é, para que a linguagem não fosse identificaria, baseada na exterioridade, mas autorreferente e, por isso, voltada para o tempo em que ela não estava tomada estruturalmente pela ciência moderna, o ponto que resiste em separar os sujeitos dos dispositivos. A metodologia procurou, assim, permitir a visualização das reações e das criações dos educandos como um processo de autoconstituição, de expressos em seus discursos permeados pelas suas experiências. Experiência está vinculada à imaginação e tem uma conexão intrínseca com o tempo. Isto é, era preciso que a metodologia permitisse uma relação diferente com o tempo da pesquisa: valorizando o átimo, entendendo que o passado se presentifica sem ser prisão ou acúmulo de conhecimento, e que do futuro não se deve esperar um modelo exato. Procurou-se situações em que pudessem florescer o tempo parado, um tempo como história, o cairós, o que acontece devido ao prazer. O prazer foi uma preocupação fundamental. Além disso, era de extrema importância que a imaginação dos participantes fosse levada em conta como saber, entendida como condição fundamental deste. Demanda, essa, que trazia a ideia de desejo: o fantasma é a verdadeira origem do desejo e, sendo o mediador entre seres humanos e objeto, a condição da apropriabilidade do objeto do desejo (AGAMBEN, 2005; 2016).

Através de dinâmicas com interação constante entre os educandos, os saberes foram construídos individualmente e coletivamente. Através de três grandes grupos (GG), dividindo a turma toda, que, com diferentes funções, eram responsáveis pelo desenvolvimento das tarefas: Produção, Continuidade e Exibição. A cada semana, os integrantes dos GGs trocavam de grupo. O GG Produção coordenava as atividades. O GG Continuidade registrava-as. O GG Exibição as apresentava. Quase todas as tarefas diárias eram realizadas em Grupos de Trabalhos (GTs), que eram trocados a cada dois dias e nos quais os membros dos três GG se misturavam. As produções realizadas foram: desenhos, colagens, fotos ou filmes. O trabalho final foi o desenvolvimento de um curta-metragem baseada em uma pintura de um artista brasileiro. Além desses trabalhos, a cada dia os participantes escreviam em um caderno pessoal os seus relatos do que haviam vivenciado no dia.

A análise dos materiais mostrou que diversos dispositivos de poder parecem ter sido profanados. O dispositivo julgamento-nota: o fazer para ganhar uma boa nota ou o seu oposto, o descaso com a nota final. A preocupação migrou para o processo de produção em si. O que leva para outra questão afetada: a dicotomia meio-fim. O objetivo final dos trabalhos pareceu ficar em suspenso durante as atividades, caracterizando o fazer como um meio puro. O que afetou o tempo de produção, alongando cada tarefa por mais tempo que devia, através do surgimento do cairós. Isso aconteceu pela constituição de uma educação imanente (D'HOEST E LEWIS, 2015): uma educação entre amigos que, como tal, foi um compartilhar o compartilhamento, dividir a própria existência com o outro e, ao mesmo tempo, separado dele (AGAMBEN, 2009). A aprendizagem se deu de um que se faz o outro e do outro que se faz o um, de forma que todos eram educandos:educadores. Os saberes trabalhados, por serem construídos por eles mesmos, fugiram das dicotomias das ciências modernas, deram-se como conhecimentos unidos ao prazer, como o projeto grego de um amor do saber e de um saber de amor, de uma filo-sofia (AGAMBEN, 2017). Afirmar o certo, o verdadeiro, ter a consciência do mundo, aparentemente desvelando-o, parece ter perdido importância. O que se intentava era falar uma experiência compartilhada, uma experiência da palavra capaz de um uso livre e gratuito do tempo e do mundo, se dando como uma pura e comum potência do dizer (AGAMBEN, 2016).

Concluimos que é possível profanar os dispositivos educacionais. Um caminho parece ser o de construir uma educação fundada em outras formas de relação entre os seres humanos e entre esses e os saberes, em que haja espaço para relações imanentes: uma educação imanente.

Palavras-chave: Profanação. Dispositivos de poder. Cinema. Infância. Imanência.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: 2005.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *O que é um dispositivo*. In *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____. *O homem sem conteúdo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015a.

_____. *Meio sem fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

_____. *O tempo que resta: um comentário à Carta aos Romanos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

DAMIANI, M. F. Sobre pesquisas do tipo intervenção. In: *ENDIPE: Encontro nacional de didática e práticas de ensino*, 16., 2012, Campinas. Anais ...Campinas: Junqueira e Marins Editores, 2012. Livro 3. p. 002878-002886.

D'HOEST, Florelle; LEWIS, Tyson E. "Immanence: A Life...": An Educational Formula?. In: *PHILOSOPHY OF EDUCATION 2015*. Illinois: Philosophy of Education Society, 2016. p.535-543.